

HISTÓRIAS DE PROFESSORES E PROCESSOS DE FORMAÇÃO/SUBJETIVAÇÃO

(HISTORIES OF TEACHERS AND PROCESSES OF FORMATION/SUBJETIVATION)

VALESKA FORTES DE OLIVEIRA¹

BCH-UFC
PERIÓDICOS

RESUMO

Este trabalho apresenta algumas categorias analíticas da pesquisa "Imagens de Professor: significações do trabalho docente";² realizada na rede municipal de ensino de Santa Maria, R.S. Através do trabalho com as histórias de vida e relatos autobiográficos lançamos um olhar, uma escuta, sobre os processos de construção e reconstrução do ser professor. A análise destes processos são dispositivos para a instauração de uma formação continuada.

Palavras-chave: histórias de professores, processos de formação, subjetividades.

ABSTRACT

This work presents some analytic categories of the research "Images of Teacher: significances of the educational "work, accomplished in the municipal net of teaching of Santa Maria, R.S.. Through the work with the life histories and autobiographical reports launched a glance, one listens, about the construction processes and reconstruction of being a teacher. The analysis of these processes is devices for the instauração of a continuous formation.

Keywords: teachers' histories, formation processes, subjectivities.

Esta investigação se coloca na perspectiva de Bueno et al (1993, p.308), na qual, na intenção de revisitar o passado através do trabalho da memória, o professor se permite um "Tal exercício, ao mesmo tempo que os leva a desenvolver um trabalho de desconstrução das imagens que a memória oficial guardou de sua profissão", possibilitando uma reconstrução do modo próprio de se perceberem."

Como uma memória subterrânea, como grupo sujeito, o professor, ao relatar a sua história de vida, sistematiza acontecimentos significativos no seu processo de formação e subjetivação. Esse trabalho de reconstrução de si mesmo tende a definir o lugar social do professor e suas relações com os outros.

Que lembranças têm os professores do cotidiano das escolas que fizeram parte da sua formação? Que práticas em sala de aula lhes acionaram dispositivos de produção do ser professor? Que professores são lembrados através do trabalho da memória? Os modelos e práticas dos seus professores influenciaram na escolha do magistério? Como o professor se tornou o que é na sala de aula hoje? O que atualizam nas suas práticas? Essas questões são pistas da investigação e do trabalho de formação que está sendo realizado com o material organizado, através do trabalho da memória.

Ao colocarmos o professor no centro da investigação, partilhamos da intenção de instituir uma nova cultura na formação de professores, já lançada por Nóvoa (1994^a).

A
R
T
I
G
O
S

¹ Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSM, R.S. Pesquisadora do CNPq.

² Pesquisa Interinstitucional financiada pelo CNPq, FAPERGS e FIPE - UFSM.

Olhando os processos de formação de professores temos um debate, instalado nos cursos de licenciaturas, centrado nos currículos, nos conteúdos das disciplinas, nas metodologias. Ainda no âmbito das universidades temos os projetos de extensão, caracterizados por “treinamento”, “aperfeiçoamento”, “atualização” e tantas outras denominações, que temos atribuído historicamente à preocupação com a formação dos profissionais na área da educação.

Na análise dos currículos dos cursos de licenciaturas, não construímos um consenso do que seria o mínimo comum exigido e quais seriam essas “disciplinas” que teriam o objetivo de discutir o “ser professor”. Pensando o problema a partir dos seus fragmentos, que é a organização dos cursos de formação, de disciplinas que não se comunicam, chegamos então, a uma questão paralisante que passa a discutir programas, carga horária necessária e disciplinas, deixando entre outras indagações, uma que nos parece ser o pressuposto inicial - a concepção de formação.

Ao abordar a progressiva desqualificação do trabalho docente, Fonseca (1997, p.25) aponta que

esse processo agrava-se progressivamente, tendo em vista a permanência do modelo de formação predominante, licenciaturas curtas e plenas estruturadas com base na dicotomia preparação pedagógica/ conhecimento específico da disciplina, preparação para o ensino/preparação para a pesquisa.

Em primeiro lugar, poderíamos reafirmar a necessidade de desmonte da concepção de formação que termina no ato da “formatura”. A complexidade do nosso tempo, a velocidade com que as informações e o conhecimento são produzidos, e, as exigências para compreender e responder minimamente as questões cotidianas, exigem de nós uma atenção e um tratamento diferenciado.

Nesse sentido é que nos propomos olhar a formação de professores a partir da produção do professor, da sua subjetividade, deslocando-a das questões mencionadas acima.

No cenário dos estudos sobre formação de professores, produzidos mais recentemente, é significativa a ênfase colocada sobre o professor, o professor como pessoa. Como aponta Bueno (1996, p.8) “Esta ‘viragem’, tal como António Nóvoa (1992) caracteriza o redirecionamento das pesquisas e das práticas de formação, tem início, segundo ele, com a obra de Ada Abraham - *O professor é uma pessoa* - publicada em 1984.”

Olhando sob este aspecto, vivenciamos a urgência do debate sobre a subjetividade, banida por um longo período, das construções científicas. Subjetividade entendida no contexto que nos propomos, como produção, como processo de subjetivação. (Guattari e Rolnik, 1996, p. 25,32).

Proponho, ao contrário, a idéia de uma subjetividade de natureza industrial, maquinica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida. Parece oportuno partir de uma definição ampla da subjetividade, como a que estou propondo, para, em seguida, considerar como casos particulares os modos de individuação da subjetividade.

Ao processo de criação, um processo de metamorfose pessoal e cultural, momentos em que a subjetividade se reconhece num corpo que diz eu, Guattari (1996, p.33), atribui o conceito de singularização.

Se aceitamos essa hipótese, vemos que a circunscrição dos antagonismos sociais aos campos econômicos e políticos - a circunscrição do alvo de luta à reapropriação dos meios de produção ou dos meios de expressão política - encontra-se superada. É preciso adentrar o campo da economia subjetiva e não mais restringir-se ao da economia política.

Tentando adentrar o campo da economia subjetiva, nos propomos através dos relatos autobiográficos orais e escritos dos professores, conhecer os dispositivos acionados em indivíduos que “entraram na profissão por acaso”, “nunca se imaginaram professores”, e que hoje estão nas salas de aula.

Os professores, na nossa investigação, são sujeitos categorizados que, por meio das suas histórias profissionais, dos seus relatos autobiográficos, reorganizam através do trabalho da memória, experiências, acontecimentos significativos na construção das suas performances, gerando um processo de autoformação. Aponta Moita (apud Nóvoa, 1992, p.114) que “o educador é o principal ‘utensílio’ do seu trabalho e que é o agente principal da sua formação.

As aprendizagens situadas em tempos e espaços determinados e precisos atravessam a vida dos sujei-

tos. O acesso ao modo como cada pessoa se forma, como a sua subjetividade é produzida, permite-nos conhecer a singularidade da sua história, o modo singular como age, reage e interage com os seus contextos.

Nossa perspectiva não é a de afirmação de uma identidade docente, ao contrário, nos propomos pensar o processo de produção do ser professor a partir de devires, de agenciamentos que atravessam os sujeitos e configuram subjetividades.

Histórias de vida põem em evidência o modo como cada pessoa mobiliza os seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, configurando subjetividades, num diálogo com os seus contextos. Numa história de vida podem ser identificadas as rupturas e as continuidades, “as coincidências no tempo e no espaço, as “transferências” de preocupações e de interesses, os quadros de referência presentes nos vários espaços do quotidiano”. (Moita *apud* Nóvoa, 1992, p.116-7).

Nesse processo de investigação/formação impõe-se a criação de condições de uma implicação de todos os participantes. A qualidade do material produzido depende do envolvimento de cada participante, do desejo e capacidade de fazer memória da sua vida. O contrato de confiança é construído a partir da relação com os narradores, assumindo faces distintas: a de colaboração, a de partilha, a de escuta empática. A participação neste trabalho contém um caráter formativo em relação a todas as pessoas nele implicadas. A apropriação que cada pessoa faz do seu patrimônio existencial, através de um dinâmica de compreensão retrospectiva, é fator de formação.

No depoimento de uma das professoras envolvidas na pesquisa percebemos a atualização das impressões do passado na construção de uma representação do que seja um professor:

Bom, a imagem de professor sempre esteve presente na minha vida, porque na minha vida, a minha mãe era professora, e eu me sentia fascinada pelas histórias dela. (...) Bom, a minha mãe, ela sempre conta que, na época dela, o curso normal oferecia muita cultura.(...) Antes o professor tinha uma formação geral mais ampla, com muita cultura e entendia bem de suprir as necessidades das pessoas, também as necessidades afetivas. (Professora A)

O significado das histórias profissionais, organizadas através dos relatos autobiográficos está na oportunidade não só de buscar imagens instituídas dos

professores em relação à sua formação, à sua escolha profissional, à sua performance numa sala de aula, mas também, por meio das imagens de hoje, repensar as imagens do passado, não no sentido de ficar preso a ele, mas de poder recriar estas imagens de professor que marcaram e que ficaram registradas na sua memória.

Evidencia-se, assim, a capacidade do homem de conseguir relacionar a vida atual com as lembranças do passado e vice-versa. Com o passar do tempo, o ser humano começa a construir imagens nítidas do passado, exigindo a capacidade de refletir essas lembranças, a partir da ótica do presente, para que não acabe vivendo em territórios do passado.

O trabalho da memória que revisita imagens do passado, significativas na produção do professor, indica também representações de como este deseja ser visto no presente.

Afirma Thomson (1997, p.57), que:

Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais

As representações de si, recolhidas no passado, mostram nos processos de formação do professor, situações, pessoas e acontecimentos significativos que trazem as imagens do passado ao momento presente.

A escolha da docência nem sempre foi tranquila para um número significativo de professores. Muitas vezes, a escolha profissional foi fator de imposição social, familiar ou até mesmo de acesso facilitado aos cursos de licenciaturas. Mesmo nesses casos, alguns professores relatam as suas descobertas e aprendizagens em relação ao modo pelo qual foram se tornando professores:

desde o início eu nunca sonhei em ser professora, só que hoje, em questão da prática, a gente vai aprendendo, sempre querendo buscar algo diferente para poder aperfeiçoar, porque na medida em que tu começa a fazer uma coisa, depois vai descobrindo, vai querendo algo diferente, a gente vai até gostando daquele tipo de coisa. (Professora B)

quando me vi na frente de uma turma, pensei: nossa, eu sou professora! E por muito tempo eu não fui professora, eu 'estava' professora. É bom lembrar dos absurdos, eu não me imaginava professora, e então, estava na carreira docente. (Professora C)

Estar na carreira docente para um número significativo de professores, que jamais imaginaram-se como tais, significa perfilhar-se à identidade da professoralidade (Pereira, 1997) configurada nos/pelos espaços e discursos que se propõem a tal.

A perplexidade expressada em alguns relatos mostram a concepção difundida e tomada como código de verdade na docência como profissionalidade, determinando assim, um modelo e um espaço institucional, onde o sujeito se torna professor.

assim como eu entrei na Universidade eu saí. Foi tão rápido para fazer o curso, que em dois anos e meio nunca reprovei em nenhuma disciplina, então eu fiz o curso por fazer, mas nunca sonhava em ser professora, nem sei, nem porque eu fiz, essa é a minha verdade. (...) prá quem entrou naquele ano que eu entrei, eu odiava ser professora, agora não, quer dizer, a caminhada que eu estou tendo mesmo com os colegas aqui, eu acho que isso vai fazendo que eu pegue gosto, vá tentando algo mais. (Professora B)

Na história de vida citada acima, percebemos o processo singular de construção de uma professora, que mesmo não desejando a docência como escolha profissional, foi construindo-se através de linhas de forças, que atravessando e atualizando registros passados, foram configurando um outro sujeito.

Tornar-se um profissional é uma virtualidade, podendo atualizar-se por intermédio da processualidade que é a produção da subjetividade. A desinstalação produzida nos sujeitos, por ocasião do movimento, das forças que atravessam, acabam por tornar urgente a encarnação de uma outra formação existencial, um outro personagem, uma outra performance.

Sobre o atual e o virtual Deleuze (*apud* Alliez, 1996, p.55) afirma que:

A relação do atual com o virtual constitui sempre um circuito, mas de duas maneiras: ora o atual remete a virtuais como a outras coisas

em vastos circuitos, onde o virtual se atualiza, ora o atual remete ao virtual como a seu próprio virtual, nos menores circuitos onde o virtual cristaliza com o atual.

A virtualidade colocada na produção de subjetividades, potencializa as pesquisas que têm se ocupado com as histórias de vidas profissionais, através dos relatos autobiográficos, orais e escritos. E a memória é, por excelência, o trabalho que organiza, busca, junta, rejunta, cola, desmonta, dando uma configuração às imagens que desenham novas subjetividades.

O mais interessante é que eu comecei a falar, a contar as minhas histórias, e, ao contar comecei a analisar por quantos caminhos já andei, quantas pessoas marcaram a minha trajetória, mas eu penso que já mudei muito, tenho me sentido melhor como professora, acho que mais madura na profissão.

Essa construção de si próprio é um processo de formação, ou melhor, de autoformação. A instalação de dispositivos que possibilitam a rememoração e a reflexão sobre os acontecimentos que produziram “marcas”, que inscreveram registros acaba dando passagem a outras criações. O sujeito de posse do seu “material” existencial tem a possibilidade de ler a sua própria situação e aquilo que se passa em torno dele. “Essa capacidade é que vai lhes dar um mínimo de possibilidade de criação e preservar esse caráter de autonomia tão importante. Esse processo deve permitir ao “grupo sujeito” construir seus referenciais próprios. (Guattari e Rolnik, 1996).

É nessa perspectiva que apostamos no trabalho com relatos autobiográficos orais e escritos: a instalação de uma outra cultura na formação de professores. A cultura do professor reflexivo que não projeta a sua profissionalidade num modelo identitário, produzido num espaço institucional determinado. A aposta é na profissionalidade que prevê a capacidade de criação, de singularização. Nesse sentido, o trabalho da memória não é o de resgate do fundamento. O sentido rizomático na produção das subjetividades instaura uma outra lógica: “o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade.” (...) “Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser...” (Deleuze e Guattari, 1995, p.37)

Os contornos dessa análise e dessa aposta não desconsideram as condições que se apresentam e pro-

duzem subjetividades assujeitadas, que se submetem à produção capitalística. De qualquer forma, são condições que, se tomadas como “a queixa de sermos nós”, a queixa de ser professor, transformam-se em dispositivos que (des)potencializam o movimento.

Ao relatar o processo de escolha profissional, os professores explicitam essas queixas que não mobilizam, não dando acesso a outras subjetividades:

Eu escolhi o magistério mas em uma época que ser professor representava muito. Tive oportunidade de sair do magistério, mas acho que o que eu sei fazer bem é dar aulas. Ai eu vou ficando... com esse salário, não dá prá pensar muita coisa. (Professora E)

O magistério (...) Ah! Como tá difícil. E olha que eu já fui considerada um ótima professora. Era sempre homenageada pelas turmas que eu trabalhava. Hoje, o desânimo se instalou. (Professora F)

A pesquisa que tem como eixo o estudo das histórias de vidas de professores, constitui uma tentativa de propiciar aos sujeitos envolvidos, a instauração de um trabalho de autoformação, entendida como um trabalho de pesquisa e de reflexão das imagens construídas sobre a docência. Este trabalho da memória permite desconstruir imagens e estereótipos que se formaram sobre a profissionalidade, como uma estética do professor (Pereira, 1997).

As memórias individuais são, no trabalho reflexivo, submetidas a um tal processo que leva o grupo à construção de uma memória coletiva, a respeito de inúmeros aspectos que caracterizam a vida profissional (Bueno et al, 1993). Um desses aspectos, trazido pelos relatos autobiográficos, diz respeito à condição do professor, tematizada historicamente:

A reflexão que fazíamos na década de 80, era, por exemplo, a necessidade de não falarmos na categoria professor para caracterizar o trabalho docente. Professor era o funcionário do estado. Depois veio a expressão educador, mais politizada, estávamos lendo Paulo Freire. Não lembro, mas a expressão “profissionais da educação, trabalhadores da educação” era um sintoma de maior politização da categoria e demonstração do trabalho assalariado dos docentes. (Professora M)

O trabalho que vimos desenvolvendo com os professores participantes da pesquisa e do trabalho de formação continuada, possibilitou o conhecimento das experiências mais significativas destes, na construção de uma prática docente. As histórias do seu passado de vida escolar e profissional permitiu a organização de categorias para um trabalho analítico e reflexivo previstos no processo de formação dos professores.

Escolha profissional, processos de formação e gênero foram categorias que nesse primeiro momento, tornaram-se latentes nos relatos orais dos professores envolvidos.

Nossa pesquisa traz a perspectiva de gênero, como categoria de análise, por acreditarmos que a predominância de mulheres na docência, faz com que esta se configure de uma forma singular, e, também, por pensarmos que as imagens que estas têm da docência sejam distintas das imagens construídas pelos professores homens.

A feminização do magistério não está, como afirma Pereira (1994, p.115),

apenas no fato de esta profissão abrigar um número de mulheres (principalmente nas séries iniciais) mas muito mais num certo fazer feminino que aí se configura.

Esse fazer feminino não está ancorado num substrato natural, se trata de uma construção social, de modos de ser/fazer diferenciados historicamente.

Esse fazer feminino, construído socialmente, transpõe nos desenhos da memória:

Quando resolvi fazer o magistério e me tornar professora, pensei que mesmo não atuando eu poderia aperfeiçoar o meu conhecimento sobre crianças, eu já tinha três filhos. Mas acho que a mulher tem mais facilidade no tratamento com os alunos, essa coisa de professor amigo, que ouve, aconselha. Nossos alunos são como os nossos filhos, têm até, muitas vezes, a mesma idade dos nossos. (Professora F)

A mulher tem um jeito diferente de se apresentar na sala de aula. Não sei bem o que é. Mas também é menos profissional, conversa coisas que não interessam ao trabalho da escola. (Professora E)

Nos relatos orais das professoras, os atravessamentos diferenciados que se dão nas vidas dos sujeitos, produzem subjetividades singulares. Há manifestações que se configuram a partir de uma produção capitalística, globalizada. Também, nesse tema, há

uma tendência na reflexão de buscar o caráter identitário: ser mulher professora é.

Algumas histórias de vidas de mulheres, atravessadas por agenciamentos coletivos e individuais, mostram a produção de subjetividades que singularizando-se, fizeram da sua existência de mulheres e professoras, processos criativos.

Eu era uma professorinha. Voltei a estudar, fiz uma pós-graduação que me despertou uma paixão pelo estudo, pelo conhecimento. Acho que foram as leituras, os professores e uma grande paixão que mudou a minha vida pessoal. Eu estava muito feliz. Passei a frequentar as reuniões do sindicato e me tornei militante da educação.

Eu fiz o magistério por paixão de ensinar. Mas tive muitas paixões na vida. Sempre vivi intensamente a sala de aula. Os alunos, os estudos, as aulas preparadas com cuidado. Bem, eu posso dizer, que eu sou uma pessoa que consegui mudar muito e graças a minha abertura para o novo.

Os processos de formação constituem outra categoria de análise da pesquisa como os professores. Processos, aqui entendidos como os dispositivos acionados para a produção do ser professor. Nesse sentido, a formação não está sendo delimitada aos espaços acadêmicos, nem mesmo ao tempo dedicado, por exemplo, a um curso de licenciatura.

Não é incomum, encontrarmos nos relatos autobiográficos, a sensação descrita por professores de que não aproveitaram o espaço e o tempo determinados, para que a formação se concretizasse. A concepção destes, é de que há lugares e momentos que ensinam, que formam o professor.

É verdade que essa formatação, proposta por alguns cursos de didática e metodologia, tem-se prestado a desconsiderar as histórias passadas sobre a vida escolar, a vida profissional e pessoal do futuro professor, privilegiando assim, um saber pronto. Saber este, reproduzido dos manuais de didática, que com raras exceções, apresentam a história das idéias pedagógicas, de uma forma simplista. Nessa perspectiva, reforça-se o caráter identitário das subjetividades que estão sendo produzidas.

Alguns professores envolvidos com o trabalho de pesquisa e formação, mostram-se surpresos com o processo reflexivo que acionam ao falar sobre a sua atuação profissional e a preparação para tal:

É interessante, eu fiquei no magistério por acaso, não havia a faculdade que eu sonhava em fazer, não podia deixar a cidade, então, fui uma aluna fraca, talvez mediana. Posso dizer que não fui uma daquelas alunas estudiosas. Quando estava frente a minha primeira turma, tremia tanto que imaginei não que não conseguiria terminar a aula. Passaram muitos anos, acho que a prática me ensinou muito, mudei de escola. Cada nova escola que eu chegava era um ambiente novo para conhecer, mas começou a se tornar um desafio para mim. Tenho estudado com um grupo de colegas, pensei em fazer uma pós-graduação, mas acho que o cotidiano me ensinou bastante. (Professora B)

Tudo o que eu procurava era uma forma de aplicar tudo o que eu tinha aprendido no cursos de didática. Mas a realidade que se apresentou a minha frente era bem diferente. Tive que criar sempre, aprendi muito com os colegas mais experientes. (Professora D)

Nunca imaginei seguir o magistério. Nunca tive uma disciplina que me dissesse o que fazer numa sala de aula. Me formei em direito, e há alguns anos me tornei professor, através das habilitações que haviam nas escolas. Me descobri frente aos alunos. A sala de aula é o meu chão. Acho que fui aprendendo a ser professor, ao longo desses anos. Os alunos gostam muito do meu jeito. (Professor A)

Os processos de formação, as razões da escolha profissional são categorias, assim como gênero, que se configuraram como dispositivos para um trabalho de autoformação com os professores que resolveram navegar conosco, na aventura de sair e chegar em alguns portos ancorados na memória, permitindo-se navegar pelo prazer de descobrir, navegar pelo prazer de criar, navegar pelo prazer de se autocriar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLIEZ, Éric. *Deleuze filosofia virtual*. São Paulo: Ed, 34, 1996.

BUENO, Belmira A Barros Oliveira. *Autobiografias e Formação de Professores*: um estudo sobre representação de alunas de um curso de ma-

- gistério. São Paulo, USP, Faculdade de Educação, 1996. (Tese de Livre-Docência).
- BUENO, Belmira Oliveira et al. Docência, Memória e Gênero: estudos alternativos sobre a formação de professores. In: *Psicologia*. USP, v. 4, n. 1/2, 1993.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 1, Rio de Janeiro, Ed. 34, 1995.
- FONSECA, Selva Guimarães. *Ser Professor no Brasil: história oral de vida*. Campinas: Papirus, 1997.
- GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 4ed., Petrópolis, Vozes, 1996.
- MOITA, Maria da Conceição. Percursos de Formação e Trans-Formação. In: NÓVOA, António. (Org.) *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora, 1992.
- NÓVOA, António. *História da educação: perspectivas atuais*. Conferência pronunciada na Faculdade de Educação da USP, em 16 de maio de 1994 (a/
- PEREIRA, Marcos Villela. *A estética da professoralidade: um estudo interdisciplinar sobre a subjetividade do professor*. São Paulo: PUC, 1996. (Tese de Doutorado).
- PEREIRA, Luisa Ribeiro. O fazer feminino do magistério (tateando um objeto de pesquisa.) In: *Projeto História. Mulher e Educação*. São Paulo, n.11. nov. 1994.
- THOMSON, Alistair. Reconstruindo a Memória. Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. In: PERELMUTTER, D. e ANTONACCI, M. A. (Orgs.) *Ética e História Oral*. São Paulo: PUC/SP. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, 1997.